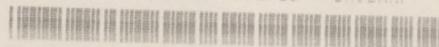


CALDEIRA Filho. Pela Sinfônica de Campinas, um grande concerto moderno. O Estado de São Paulo, São Paulo, 23 abr. 1978.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029975

## Pela Sinfônica de Campinas, um grande concerto moderno

### CALDEIRA FILHO

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL DE CAMPINAS — Programa — Almeida Prado. "Cidade de Campinas", "Abertura"; Villa-Lobos, Fantasia para saxofone soprano e orquestra — allegro — lento — molto allegro; Charles Ives, "Pergunta sem resposta", solista de trompete Wilson Bóia; Stravinsky, "O pássaro de fogo". Suíte: Introdução, Dança do Pássaro de Fogo e Variações — Dança das Princesas — Dança infernal do Rei Kastchei — Berceuse — Final, Hino. Regente, Maestro Benito Juárez — 10.4.78 Cultura Artística.

Sobre sua Abertura diz Almeida Prado, em nota constante do programa: "A cidade é mostrada em suas transparências e densidades, sua atmosfera florescente, os mágicos flamboyants, as paineiras, os incriveis horizontes verdes e azuis, tudo o que é paz, encanto, fantasia, o que sinto nesta maravilhosa cidade." A obra é dedicada ao maestro Benito Juárez. Representa ela vitoriosa tomada de posse de todo um mundo sonoro, a subjugar as vozes triunfais dos metais, as posições rítmicas da percussão, num ambiente ao qual o autor também se abandona, conquistado pelas sutilezas das combinações das demais cores orquestrais. Sente-se aí por vezes o primitivismo da paisagem brasileira, a lembrar os quadros descritos por Caminha, o misterio da terra virgem oculto sob certas vaguezas sonoras, e um entranhado amor à natureza, como se vê pelas palavras do autor atrás referidas. Tudo isso parece estar enquadrando os ruídos do trabalho, e fecundidade da terra, a criatividade do homem; e pelo inusitado das sonoridades, lembra as lutas, a coragem e a força dos criadores da parcela humana da paisagem que o autor tanto ama. A peça despertou o entusiasmo do público que a aplaudiu calorosamente.

Villa-Lobos escreveu uma Fantasia para saxofone, soprano e orquestra, cons-

tante esta de cordas e três trompas exclusivamente. Nota-se no Allegro a vivacidade com que são combinados os desenhos melódicos dados simultaneamente pelo solista e pelo conjunto instrumental. Uma idéia nostálgica aparece, a qual entra logo em combinação com as figurações anteriores. Notável aí a grande virtuosidade do solista. A atmosfera é de constante movimento, elemento que vitaliza os demais, melódicos, rítmicos e harmônicos, graças a um tratamento composicional bem representativo da linguagem sonora do Mestre. O Lento apresenta-se como melodia largamente distendida, a princípio nas violas, tomada depois pelo sax, momento em que a cor sonora do instrumento age como aproximadora da figura expressiva, a qual soa realmente perto de nós, nem nunhuma conotação de distância, de afastamento no tempo e no espaço. É bem assim o grande Villa-Lobos, realista de certo modo, mas nem por isso esquecido da poesia da música. O Allegro soa realmente como alegre jogo sonoro, rico de efeitos, sempre interessante e engenhoso na inventiva, criando feliz atmosfera para a conclusão da peça. Paulo Moura agradeu em cheio. O primeiro extra, um solo, reafirmou a virtuosidade desse artista notável. Seria uma improvisação? Talvez, e muito bem sucedida. O segundo extra, também em solo, possui inegável sabor saudosista. Um "chorão" no palco? Todavia, a saudade apenas insinuada é logo envolvida em floreios de agilidade, como se o autor quisesse fugir aos feiticeiros enleios da nostalgia.

A peça de Charles Ives (1874-1957) precursor ignorado de muito modernismo da atualidade mostra aí sua originalidade. É escrita para cordas, trompete, solo e

madeiras. A respeito diz Benito Juárez: "As cordas nesta peça são o tempo, a vida, transcorrendo seu transcurso tranquilamente. O trompete, em outro tom formula sempre a mesma pergunta: E as madeiras vão tentando responder, cada vez mais estridentes e em desordem, respostas que "não grudam". No fim, estão lá apenas o tempo-vida das cordas e a imutável perguntazinha do trompete (as madeiras desistiram de uma resposta convincente). Como diz Mestre Millor: "O tempo passa? leva a gente com ele? ou ele fica e a gente é que passa?" (nota no programa). As conotações são válidas, tendo em vista o contra entre a sonoridade sedosa da orquestra e a crueza de som do trompete, (coadjuvado por um quarteto de sopros) caráter que aos poucos invade a orquestra sem poder, porém, conquistá-la. A peça é breve, leva-nos rapidamente de surpresa em surpresa. Poucos seriam os elogios que aqui dirigíssimos ao admirável trompetista Paulo Moura.

A peça de Stravinsky, não muito tocada mas suficientemente conhecida, foi dirigida de memória pelo Maestro Benito Juárez. Louvamos, ao lado da sua competência, a qual lhe tem valido os êxitos da sua carreira, a sua atitude sóbria, discreta, liberta de quaisquer gestos estranhos à regência e por isso mesmo muito mais eficientes do que os dos regentes dançarinos. Benito rege para orquestra e não para o público. E essa música, ora suave e envolvente, ora agressiva, quase alucinante, ele a manteve sob seu lúcido e tranquilo domínio. Bravos.

E elogios muito calorosos sejam consignados à Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas pela qualidade da execução, em tudo superior, que nos foi oferecida nesse memorável concerto.